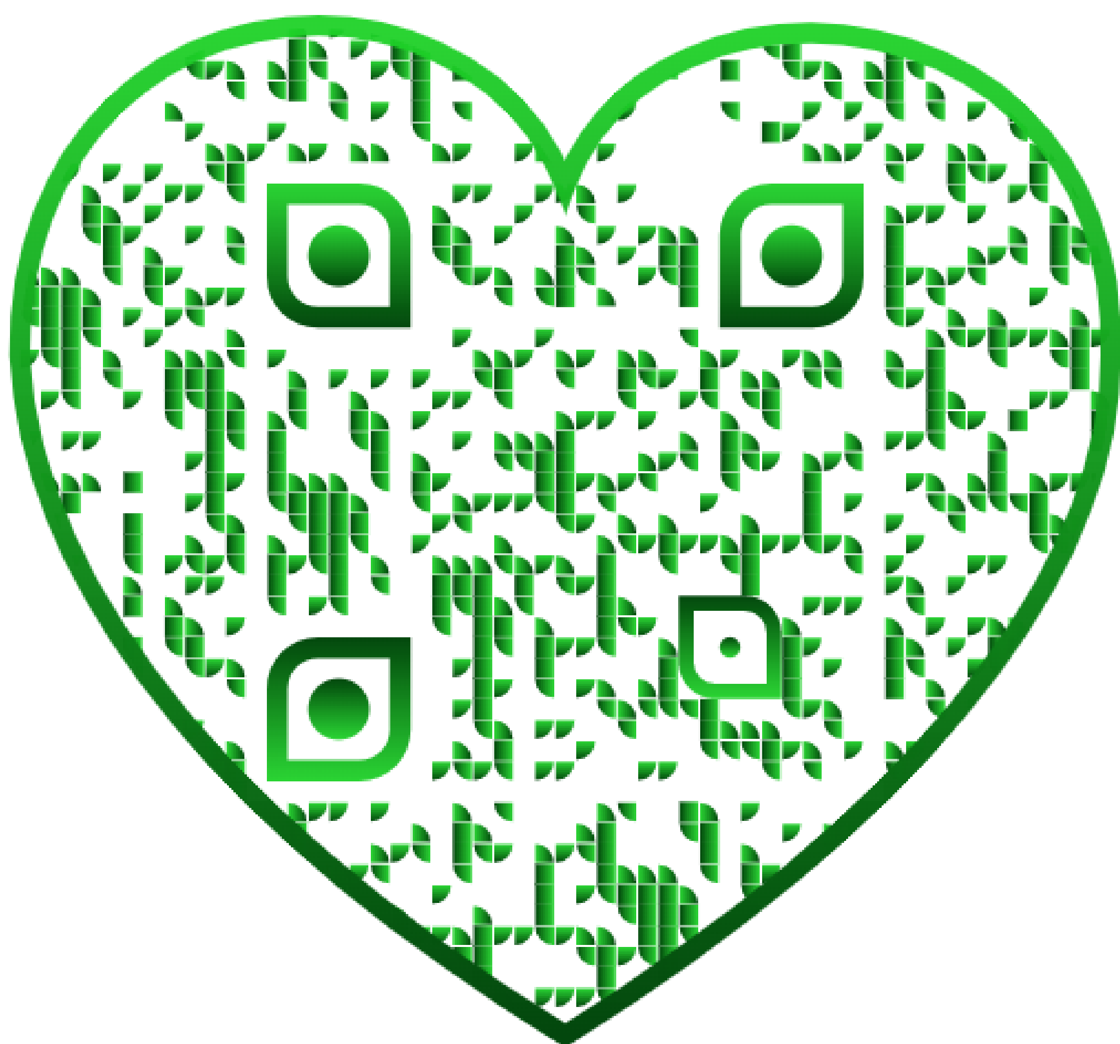
Um conto do livro "Celibato"

CELIBATO
A queda

THALISSA BETINELI



CELIBATO

A queda

Thalissa Betineli

1ª Edição

2018

Copyright © 2018 Thalissa Betineli

Capa: Murillo Magalhães (Fênix Produções Editoriais)
Diagramação: Denilia Carneiro (Fênix Produções Editoriais)

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

CELIBATO –A QUEDA

Thalissa Betineli

1ª Edição — 2018

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e / ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sumário

Capítulo I
Capítulo II
Capítulo III
Capítulo IV
Capítulo V
EM BREVE



Capítulo I

A nevasca

Isso não é de admirar, pois o próprio Satanás se disfarça de anjo de luz.

2 Coríntios 11:14

“Os fiéis ergueram suas mãos, fitando a luz descer de uma nuvem”. As crianças taparam os olhos, tamanha sua beleza, e as mulheres desmaiaram, orando baixo. Mas eis que os homens permaneceram em pé, fiéis sem devoção, fiéis por curiosidade. Da luz se fez cabelos cacheados, vermelhos como o fogo que ardia embaixo da terra, e dos olhos se abriram duas bolas verdes, atentas e traiçoeiras. Da língua de serpente se fez a boca, e do alto da nuvem escura, um anjo desceu com os braços abertos e sem asas.

Foi louvado ao pisar na terra, ao colocar os pés encardidos no solo, e dos passos cantarolou uma antiga canção de blasfêmia. Os cabelos se alongaram, em cachos caindo sobre o corpo nu, e sob os olhos dos homens carnais, o pecado se fez."

O fogo da lareira me esquentava devagar, me lembrando de como estava frio do lado de fora da casa. Levantei a cabeça, olhando para a janela quadrada da pequena cabana que aluguei, e puxei mais o cachecol, fechando-o por cima dos meus braços. Nunca havia visto flocos de neve desse jeito, mesmo em meu seminário na Itália. A nevasca estava apenas começando, devagar e gradativa. Virei o rosto, fitando as chamas crepitarem com a madeira na pequena lareira de tijolos a vista, igual toda casa. Esfreguei minhas mãos na xícara de café

arredondada e respirei fundo, começando a me sentir mais tranquilo. A tranquilidade estava começando a acalmar meu coração, que atormentado pelas últimas palavras ouvidas no celular, havia batido frenético desde o voo até agora.

O silêncio quebrado pelo crepitar era aconchegante, me fazendo esquecer por um momento da última ligação que tive, das lembranças da minha última noite em Pisa. Fitei as labaredas do fogo começarem a dançar, subindo e descendo, dois corpos se colidindo, e me distrai pelo momento, perdendo a necessidade de piscar ou raciocinar. O fogo vermelho me lembrava duma dança antiga. Fechei os olhos, voltando a prestar atenção apenas no crepitar. Os abri, desviando os olhos para a parede de tijolos a vista acima da lareira. Senti perder as forças e os olhos lagrimejaram. Balancei a cabeça, desejando retomá-la, e aos poucos me acalmei novamente, criando as forças pelas quais cheguei até aqui, reencontrando as forças pelas quais lutei para me afastar, para vir a esse retiro e me concentrar.

Olhei novamente para o café preto dentro da xícara e mergulhei em seu negrume, me sentindo em casa depois de tanto tempo. Em casa dentro de mim mesmo. A vida corrida e movimentada, a batalha travada dentro de mim mesmo me fez cair, fez eu me perder, sem encontrar conforto em nenhum lugar, buscando me encontrar da forma segura que eu era. O negrume se tornou um balançar dentro da xícara, e eu o fitei demoradamente, respirando fundo e me reencontrando. Eu estava encontrando o meu abrigo, mas mesmo no silêncio, a amargura de ouvir aquela voz no telefone parecia me condenar pelas escolhas, mas fui honesto nelas, fui honesto em permanecer convicto dentro da minha fé. Eu errei ao escolher o meu caminho? Eu errei ao me afastar do pecado, recorrer ao meu silêncio e ao meu afastamento? Aprendi que isso seria o certo, mas visto desse ângulo condenável que ouvi na última ligação, seria eu o único culpado por um destino fatal? Eu servi, eu me dediquei, e eu busquei a virtude ao invés do pecado, não poderia estar errado. Mas a culpa me assola. Eu deveria ter percebido no começo.

O celibato foi uma escolha difícil de fazer, mas estava crente de que sempre seria o caminho certo, não haveria fraquezas mundanas, não haveria dúvidas, porque a fé jamais me deixaria fraquejar.

Mas foi a fé que me fraquejou, foi a total devoção de uma devota, a fé que a mantinha ao meu lado.

O que me levou a escolher a vida de celibato nasceu comigo, cresceu comigo. Um desejo que aumentava a cada ano, que me arrastou para um seminário em Florença. Se eu soubesse das fraquezas carnais e sentimentais, entenderia desde cedo sobre o que eu deveria ter me mantido

longe.

Deus nunca foi a incógnita que muitos viam. Três em um, um poder supremo jamais visto, que muitos diziam sentir mas não havia comprovações. O que era uma incógnita era a Bíblia, a palavra escrita por homens sobre Deus. Até que ponto minhas crenças poderiam ser embasadas em um papel e letras? Eu nasci com a sede de comprovar, de sentir e viver por mim a palavra, sem ouvi-la apenas da Bíblia. Eu encontrei meu caminho desde novo e nunca mais me senti abalado.

Fechei os olhos, ciente de que não havia nenhum arrependimento na decisão que tomei ainda jovem, de negar as mulheres, de ouvi-las como devotas e aconselhá-las sobre um caminho mais puro. Ouvi minha própria voz dizendo a mim mesmo que tudo era escrito por Deus, desde o momento em que entrei no seminário em Toscana, convicto e determinado, sem conhecer fraquezas. No término daquele seminário, foi me entregado a paróquia de um pequeno vilarejo de Toscana, Montepulciano.

Abri os olhos, começando a recordar dos primeiros meses. Todos haviam me visto com curiosidade, um padre tão jovem, e no fundo poderiam se perguntar o que havia me levado àquilo. Uma família tradicional, muitos livros sagrados, avós devotos e um desejo de me afastar do fraquejar perante o ser humano. Nesse caminho eu já estava há muito tempo, sendo motivado por uma família e as pessoas ao meu redor. As perguntas sobre mim eram sussurradas, mas no fundo eu jamais havia me importado, porque o julgamento de terceiros não me interessava. A minha consciência estava limpa desde muito novo e poderia continuar limpa, se a culpa não se acumulasse dentro de mim, não culpa pelo pecado, mas pelo que poderia ter mudado.

Minha primeira missa havia sido com todos os bancos ocupados, olhos atentos e fiéis louvando minhas orações, acompanhando-as. A comunidade me abraçou e eu a abracei, havia encontrado o meu caminho.

Mas dentro do confessionário, a malícia estava à espreita, a fraqueza trazida pelo diabo em sussurros de desgosto e medo. A fiel estava confessando para mim sobre o seu casamento fracassado, sobre suas frustrações e medos. Sobre o desejo carnal que a espreitava para pecar em cada olhar, em cada gesto e toque.

Mas o meu erro foi não ouvir o que estava por baixo da confissão.

Eu a aconselhei, eu orei junto a ela e por ela, uma mulher de meia idade, com uma crise existencial. Ela não conseguia mais acreditar no Divino, ela duvidava das minhas palavras, ela não acreditava na Bíblia, como eu cheguei a desacreditar uma vez, na juventude. Essa era a minha obrigação e devoção, ensiná-la a crer como eu havia voltado a crer.

A devota blasfemava em sussurros sobre o fato de que a chance de existir maldade era maior do que a bondade. Deus poderia não ser puro, o diabo poderia não ser tão mal. Eu a aconselhei, e durante suas noites confessas, eu a escutava, acalmava seus medos e pregava a palavra que eu acreditava.

Aos poucos, durante missas, fui reconhecendo-a como uma mulher de meia idade bela, com cachos grossos, pretos, olhos verdes, sempre acompanhada do marido e com uma tristeza carregada na expressão.

Abri os olhos, me esquecendo do resto da história, tentando ocultá-la no fundo da mente que dizem existir para tristezas profundas. Eu estava machucado pelo caminho que segui depois de encontrá-la após uma missa, sentada em um banco, com lágrimas nos olhos e o desejo de se confessar fora do confessionário. Olhos nos Olhos.

A devota, uma mulher casada, com um casal de filhos crescidos, morando em outro país, confessou seus sofrimentos e com orações, nos acalmamos. Ela começou a me procurar todas às vezes depois da missa, desejando ouvir minhas palavras e orações, se confessando e se sentindo mais leve. Eu deveria ter visto a malícia, eu deveria ter visto por trás do véu, mas eu me neguei, tapei os olhos como um cego.

Cerrei os dentes, me recordando do início do meu erro.

Sorri devagar, fitando o crepitar do fogo, as chamas subindo e deixando a marca escura nos tijolos. E pela cor do fogo me lembrei da cor do seu vestido, que usou na noite em que confessou que graças à minha fé, à sua devoção por mim, ela estava se sentindo pura, ela estava se sentindo com fé novamente, crente em Deus e em Sua palavra.

Deixei meu sorriso desfalecer, morrendo devagar no meu rosto. Ela confessou que estava novamente crente, e todas as noites eu a vi mais brilhante, mais viva.

Respirei fundo, me recostando na poltrona macia, marrom e com uma longa manta aconchegante, que estava meu corpo. Fechei os olhos, me lembrando da noite em que eu conheci a fraqueza, da noite em que me peguei surpreso por não ter visto isso antes.

Seus olhos verdes entregavam que sua devoção era carnal, mas eu não poderia afastá-la, eu deveria mostrar o caminho, ao invés de abandoná-la. Como fui ensinado, como desejo de ajudar os outros com a palavra de Deus, eu queria que ela continuasse a ser fiel à palavra e ao marido, e aos poucos eu fui me perdendo na tentativa frustrada de mantê-la por perto como devota.

Fechei os olhos, me lembrando da última noite em que eu a recebi para confessar antes de tudo o que viria a seguir. Seus cabelos estavam no alto da cabeça, escondidos, deixando seu rosto amargurado, ansioso e com os olhos de luxúria, um dos pecados que sempre desejei me manter

longe, ainda mais a mostra.

Ela confessou com os olhos nos meus, ela se entregou e eu jamais imaginei o que aconteceria em seguida. As velas ao redor do campanário pareciam me assistir devagar, ansiosas pelas palavras que eu havia decidido proferir.

E a lembrança começou a se tornar mais vívida. A voz macia, sua mão buscando a minha, colocando-a sobre a curva que o vestido fazia acima dos seus seios, no coração acelerado.

Uma batida forte na porta cortou minhas recordações no pior momento, e agradeci que talvez fosse obra de Deus, me afastando do pensamento pecaminoso que havia acontecido.

Abri os olhos, olhando ao redor, um pouco perdido por me voltar a situar dentro da cabana e olhei para trás. A batida retornou a cortar o silêncio, forte e determinada. Levantei-me, deixando o cachecol cair na poltrona e fechei a grossa camisa de flanela preta e ajeitei a calça de moletom preta, arrastando as pantufas pela pequena sala. Minha batina permaneceria dentro do guarda-roupa até minhas dúvidas e medos acabarem, os quais estavam passando, com muito desejo de voltar a servir meu Senhor, de conseguir me sentir puro novamente.

Parei em frente à porta de madeira escura, e olhei para a janela ao lado, vendo a neve grossa cair com força. Quem estaria parado na minha porta, tão tarde e com esse tempo?

A batida retornou e me apressei em abrir a porta, encontrando uma mulher parada, com os cabelos pretos, lisos, contrastando com os olhos verdes, ansiosos. Seu corpo, do pescoço aos pés, estava coberto por um grande casaco de pele e grossas botas. Seus cabelos pretos estavam envolvidos por uma capa de pele branca de pelos, subindo pelo casaco, com os flocos de neve caindo sobre o capuz, que rodeava a cabeça como um véu. Seus olhos me fitaram, verdes e vibrantes contra a pele clara e os cabelos escuros, vibrantes contra o branco que ela era e o branco da neve. Um anjo branco de neve com olhos verdes e cabelos negros.



Capítulo II

O início da queda

Quisera eu me suportásseis um pouco mais na minha loucura. Suportai-me, pois.

2 Coríntios 11:1

Mas receio que, assim como a serpente enganou a Eva com a sua astúcia, assim também seja corrompida a vossa mente e se aparte da simplicidade e pureza devidas a Cristo.

2 Coríntios 11:3

E, posto que muitos se gloriam segundo a carne, também eu me gloriarei.

2 Coríntios 11:18

Se houve um segundo de hesitação, poderia dizer que essa hesitação houve em todos os pecados cometidos dentro da Igreja. Mas quem sou eu para apontar os dedos?

O rasgo não começou na minha batina, ele remonta ao século XIV, talvez antes, talvez antes mesmo do nosso A.C. Seria eu o mais errado da minha própria religiosidade?

Meus olhos não são cegos diante de como entrei em um ninho já pecaminoso, de olhos acusadores e celibatos duvidosos. Nosso maior rasgo poderia ter sido o Papa Alexandre 6 º, representante da nossa fé com amantes e filhos. Não seria assim um pecado para nós? Há muito que me pergunto se eu seria o mais errado dentro da minha própria crise, mas também sei que pecado é o peso que carregamos. Há mentes que suportam mais, há corpos que doem com a cruz.

E de pecados foi feito por séculos um celibato que escondia cardeais atraídos por olhos e mãos pequenas, não condenados. Mas sim condenava mulheres na fogueira, incinerando livros e doutrinas naturais. A mãe terra, tão celta e antiga, foi enterrada debaixo da terra. Eu não poderia enterrar também a minha culpa embaixo da terra? Meus olhos não eram cegos diante disso.

Mas perante a dor, culpa e dúvida, me tornei cego.

Abri a porta, fitando a mulher de olhos verdes, tão contrastantes com a pele fria e branca de frio, o capuz do grosso casaco de pele cobria seu corpo, e os cabelos negros caiam contra o branco. Espantei-me, abrindo de vez a porta, e o vento frio cortante atravessou a pequena sala. Seus lábios se curvaram em um pequeno sorriso tímido e dei um passo para trás, desconcertado diante do inusitado de ver alguém na nevasca.

— Você está bem? — Perguntei preocupado, e ela assentiu devagar, tremendo de frio. Dei mais um passo para dentro, desejando poder ajudá-la. — O que faz na nevasca? — Tentei entender e antes que percebesse, franzi a testa, preocupado.

Ela riu, tremendo ainda mais.

— Me perdi do grupo de esqui — Sua voz se arrastou de frio e concordei devagar. Ela balbuciou, balançando a cabeça — Tentei encontrar a minha cabana por um desvio, mas a nevasca piorou— Tentei buscar a verdade em seus olhos, mas esses se abaixaram de frio.

— Entre — Murmurei ainda mais preocupado. Ela assentiu, um pouco envergonhada e dei as costas, em busca do meu cachecol caído na poltrona. A porta rangeu, se fechando. — Está muito frio lá fora, venha se aquecer. Posso preparar algum chá ou café para você. — Tentei ser prestativo e virei a cabeça sobre o ombro, vendo-a parada em frente à porta, apenas observando. Estendi a mão para ela, entregando-o, mas a mulher apenas sorriu.

— Muito obrigada. Estou bem agasalhada, na verdade — Seus olhos tímidos se tornaram fortes e ela arqueou uma sobrancelha, descendo os olhos pela minha camisa fechada. Franzi a testa, tentando adivinhar o restante da frase, e notei sua mão direita subir para o zíper do casaco — Estou com calor aqui dentro perto do fogo. Se me permite.

— Sinta-se confortável — Tentei não constrangê-la, entendendo a diferença de temperatura devido ao fogo e a calefação. Ela abriu o casaco, deslizando-o pelos braços finos, revelando um busto avantajado, de seios fartos, uma cintura fina e uma camisa preta de tecido grudado ao corpo, torneando-o. Sua calça escura tornava a roupa quase uma, e dei as costas, voltando os meus olhos para o fogo. *"A imagem nos faz pecar, padre. A convivência é uma doença para mentes fracas, e a minha, ah, a minha é tão fraca que se me dissessem que eu fraquejaria desse jeito, eu não encontraria abrigo senão ainda aqui, dentro da própria*

fraqueza". As palavras daquela devota me acusaram pelo constrangimento repentino que senti e fitando o fogo, me concentrei na vontade de servir encontrada antes.

— Não ficarei muito, peço desculpas pela intromissão. A nevasca começou a piorar e — Sua frase morreu e me virei, apenas maneando a cabeça, deixando claro que não era importante.

— Imprevistos acontecem — Sorri confortando-a e ela, ainda parada de costas para a porta, ergueu ainda mais a cabeça, jogando os cabelos negros para trás.

— Sou Mônica, muito prazer — Ela se apresentou determinada. Curvei-me para frente, e mesmo longe, estendi a mão, alcançando-a. Seu aperto foi mais forte que o meu, assim como meu costume rotineiro foi ainda mais forte.

— Padre Armando — Me apresentei como de costume há tantos anos. A mulher chamada Mônica sorriu, saltando pequenas covas das suas maças e seus olhos verdes insistiram no meu pescoço, procurando pelo meu colarinho.

— É um Servo do Senhor? — Ela perguntou surpresa e ri, abaixando os olhos para o meu pescoço.

— Nem sempre usamos as vestimentas — Expliquei, largando sua mão e voltando a dar distância. Ela insistiu e com os olhos desceu para a calça de moletom, as pantufas, retornando para o meu início de barba por fazer.

— Você não me parece um padre — Ela sorriu um pouco sem graça, deixando as covinhas saltarem novamente, e meus olhos foram atraídos para o fio de cabelo negro que deslizou da sua cabeça, contornando sua testa. Ela passou a mão, jogando-o para trás, e levantou novamente a cabeça. Seus olhos aguçados me analisaram. — Devo dizer que como médica, acabei por não ser mais religiosa, padre. — Assenti devagar, compreendendo-a e estendi a mão em direção à poltrona ao lado da minha.

— Está de férias? — Continuei seu assunto, me sentando, e Mônica caminhou até a poltrona, sem sentar. Ela a contornou, e então a empurrou, colocando-a mais distante da minha, frente-a-frente. Arqueei as sobrancelhas, um pouco ofendido por vê-la tirar a minha decoração do lugar. Suas mãos pousaram na poltrona e ela a contornou, deixando os dedos roçarem no tecido. Seu toque atraiu total a minha atenção e a sensação de familiaridade me atormentou. Seus gestos eram atrativos e ela sentou, cruzando as pernas.

— Estou. Trabalhei como voluntária na Nigéria durante todo um ano. Minha cabeça precisou de algum descanso — Mônica explicou, sentada imóvel, com os olhos intensos fixos em mim. Assenti devagar, retornando a pegar minha xícara de cima da pequena mesa ao lado da minha poltrona.

— Ainda posso oferecer café — Ofereci minha xícara e ela sorriu, negando.

— Você também está de férias? — Ela perguntou, ignorando o café. Abaixei a cabeça, sorrindo um pouco pela pergunta e fitei meu café. Não havia férias para a fé. A devoção é contínua.

— Não há férias na fé — Repeti meus pensamentos e sua risada ecoou. — Estou em um retiro.

— Pecou, padre? — Ela perguntou direta e me espantei, levantando a cabeça, me perguntando como ela poderia saber. Mas no fundo, houve pecado? Não, não houve, mas por que eu estava me atormentando como se houvesse pecado? Porque eu queria ter pecado. Abaixei os olhos, refletindo sobre a sua pergunta.

— Há diversas formas de pecado, Srta. Mônica. — Respondi um pouco vago, fitando o negrume do café. — Nem sempre os pecados são como imagina. Para mim, há diversas formas de encarar erros referentes à minha fé.

O silêncio perante minha resposta perdurou e franzi o cenho, levantando a cabeça. Encontrei seus olhos verdes tão vidrados em mim que me surpreendi.

— Me referi ao pecado carnal, padre. — Mônica murmurou sem pudor, se inclinando sobre as pernas cruzadas e apoiando os cotovelos sobre elas. — Sexo. — Ela afirmou sem constrangimento, me fazendo engolir em seco. Virei a xícara de café e o engoli, mesmo já gelado, para evitar prolongar a minha situação. Encarei os olhos dela e percebi que ela ainda estava aguardando a minha resposta. Depositei a xícara na mesa ao lado e olhei ao redor, sorrindo.

— Não, Srta. Mônica, não pequei nesse sentido. Não fiz sexo ou qualquer contato carnal. — Respondi franco, enfrentando o seu olhar direto. Ela concordou, deixando o semblante sorridente desvanecer. — Às vezes, o pecado está aqui - Afirmei, apontando com o indicador para a cabeça.

— Isso significa feromônios, padre. — Ela afirmou, batendo o dedo na cabeça também e semicerrou os olhos. — Me explique, como uma curiosidade médica minha, como você se sente com o seu corpo?

Franzi a testa, sem esperar por essa pergunta, e virei o rosto, constrangido.

— Srta. Mônica, acredito que o rumo desta conversa está indo por caminhos.

— Por caminhos pecaminosos, padre? — Ela completou a minha frase. — Me entenda, sou uma jovem que nunca se viu diante de um padre. Meus pais eram católicos, mas eu fugia da

Igreja. Nunca acreditei em homens que conseguissem sentir a palavra Divina. Meus pais nunca foram devotos sinceros, mas estavam lotando os bancos daquela velha paróquia. Fui embora de casa cedo, perdi o meu caminho religioso ainda mais cedo. Não me condene por minhas perguntas, elas são no fundo puras, uma curiosidade de uma mulher que estuda o corpo humano, mas não entende a religião ou fé. Sou da ciência, sou carnal. — Ela afirmou categórica, com os olhos penetrantes em mim. A encarei, encontrando uma força em sua expressão e a determinação que me amargurou. Abaixei a cabeça, me recordando de certa insistência ocorrida há meses, do mesmo modo, com a mesma intensidade. Seria Deus me testando? Ou o diabo?

— E há curiosidades que não devem ser atendidas, Srta. Mônica. — Tentei contornar a situação, mas ela riu de mim, jogando os cabelos contra o rosto, abaixando a cabeça.

— Veja bem, padre. Atenda as perguntas de uma devota perdida. Eu apenas estou curiosa, e como talvez nunca tenha outra oportunidade de perguntar isso a um padre — Ela pausou, desviando os olhos para os lados da sala. — Em uma cabana, me abrigando de uma nevasca, podemos ser francos um com o outro? Eu não acredito em padres, por isso pergunto a você como um homem. Sou da ciência, sou uma médica que gosta de entender o corpo humano. — Ela pausou e sorriu de forma singela — Não há desejo?

— Você poderia perguntar para um padre conhecido da sua comunidade, Srta. Mônica, talvez ele atendesse o seu pedido. Sou um completo desconhecido. — Tentei me esquivar e ela riu, se recostando na poltrona e estivando os braços, jogando a cabeça para trás.

— E por ser um desconhecido, poderíamos ser francos. — Ela rebateu meu argumento e levantei as mãos, enterrando o meu rosto nelas.

Antes daquela devota, eu me negaria a conversar sobre isso, mas havia a dor, havia a dúvida, e havia o desejo de abrir minha mente como essa mulher estava pedindo. A dúvida, que antes estava se indo, encontrou o seu caminho de volta nos olhos intensos e na personalidade forte dessa mulher. E a mesma dúvida me atormentou sobre responder.

— Você está sendo um pouco indelicada. — Ainda insisti, abaixando a cabeça e as mãos, deixando meu rosto à mostra. Ela riu, cruzando as pernas para o outro lado, e eu discretamente observei a curva da sua coxa.

— Não precisamos de delicadeza para conversar como dois adultos. — Ela respondeu direta e levantei a cabeça, encostando os cotovelos nas coxas e me curvando para frente. A observei, percebendo a sua curiosidade.

— Como médica, o que você responderia? — Me desviei da resposta e ela sorriu, compreendendo.

— Eu diria que todos os corpos estão suscetíveis ao desejo e ao tesão, padre. Nossos corpos foram criados para a procriação e também para o contato do sexo. Estar no estado de celibatário não diminuí os hormônios, os desejos. Vocês, padres, podem ocultá-los com a batina. Nossos cinco sentidos trabalham para nos excitar, para nos atrair, seria difícil um homem perder isso tudo, não seria? — Sua pergunta retórica me fez assentir devagar e ela sorriu. — E você não entrou para o Seminário virgem, entrou? — Ela se tornou direta novamente e seus olhos me perscrutaram por segundos. Ri da sua pergunta, tentando me esquivar, mas minha própria risada me traiu e ocultei minha expressão, jogando a cabeça contra o encosto do sofá. Ela riu. — Não acredito que todos os padres sejam virgens, e você acabou de me entregar que também não é.

Olhei para fora, desejando que a nevasca parasse, mas a neve caía como a minha dúvida caía nas minhas costas. Virei o rosto, encarando-a.

— Srta. Mônica, não sou virgem, sou humano como você. Mas encontrei minha devoção e preferi não cair ao desejo carnal novamente. — Expliquei para ela, tentando encerrar o assunto. Ela concordou, se recostando na cadeira novamente.

— Acho que agora aceitarei uma xícara de café. — Ela pediu e assenti. Respirei fundo, aliviado por ter me livrado do assunto sem muitas respostas. Levantei-me, dando as costas para ela, para ir até a cozinha compartilhada com a sala, ambas de tijolos a vista e com uma iluminação fraca, amarelada, mas ao me virar, fui pego por sua voz novamente, firme e decidida, mas não sincera.

— E padre, sei que está sem a batina, sem o colarinho e em retiro, mas como uma pecadora antiga, gostaria de me confessar pela primeira vez.



Capítulo III

Pecados

Quem pode discernir os próprios erros? Absolve-me dos que desconheço!

Salmo 19:12

Cada um, porém, é tentado pelo próprio mau desejo, sendo por esse iludido e arrastado.

Tiago 1:14

Em seguida, esse desejo, tendo concebido, faz nascer o pecado.

Tiago 1:15

As bruxas imploraram por perdão, mas a Igreja, naquele século, estava surda. Surda e cega diante da ganância de seus regentes, padres, bispos e papas. O que seriam elas, senão mulheres com ensinamentos sobre a terra? Estaria mesmo o diabo por trás das curandeiras? E de que forma seria reconhecida a face de tal, tão afeminado e fraco?

Das fogueiras gritos eternos poderiam ser ouvidos, e da justiça injusta, acreditou-se ter livrado a terra dos pecadores, servos do diabo e bruxas. Mas se esqueceram de que havia pecado no cerne da estrutura, dentro de cada bispo e cardeal abusivo, acreditando em uma posição superior e ignorando o celibato. Não havia distinção de sexo, idade ou justiça. Se até mesmo esses poderiam ser perdoados, caso houvesse arrependimento, não poderia ser concedido o perdão também para mim?

Mas essas dúvidas, já antigas, voltariam a me cercar horas depois.

Naquele instante, eu estava concentrado em aproveitar o silêncio da cabana para encontrar palavras que afastassem a confissão.

— Srta. Mônica — Tentei argumentar e me virei, fitando-a sentada na borda da poltrona, com os olhos tão diretos em mim que fechei os meus, cortando nosso contato visual.

— Diga, padre. Não posso me confessar? — Ela insistiu, sem sinceridade para a confissão, mas com uma malícia, que agora, diante de uma situação tão semelhante, eu reconhecia. *"Venho pela primeira vez, padre Armando, nesse confessionário. Não sou tão devota quanto deveria, não creio em Deus como gostaria, e no fundo, sinto que estou indo ao pecado do que ao céu. Não há paz quando deito a cabeça no travesseiro, porque meus pensamentos são impuros, não há razão para continuar a enganar a mim mesma e a enganar meu marido. Estou pecando neste momento, com pensamentos impuros. Conceda-me o momento da confissão, padre, escute meus pecados."* Fechei os olhos, deixando a lembrança da mulher de cabelos pretos passar, sentada no confessionário tão tarde da noite. O diabo anda a espreita por esse mundo, testando nossa mente e nosso corpo, e eu novamente estava sendo testado.

— Você pode se confessar, Srta. Mônica — Respondi franco, encarando-a novamente, tentando esconder o rubor ao lembrar, e abaixei a cabeça. — Mas neste momento, estou em retiro. Como você mesma observou, estou sem minha batina e meu colarinho. Não posso aconselhá-la neste momento da minha vida.

— Porque também gostaria de se confessar, não é, padre? Porque neste momento da sua vida, partiu em retiro por dúvidas. — Seus olhos me acusaram com as palavras ditas, e abri a boca, negando devagar. Desci os olhos para a xícara, fitando o negrume do café gelado, desejando poder ser sincero.

— Temos uma longa vida para ter dúvidas como essas, então sim. Também preciso organizar meus pensamentos.

— Conte-os para mim, padre. — Ela me interrompeu e arqueei as sobrancelhas. Seus olhos verdes se tornaram insistentes e ela levantou a cabeça, como se determinasse a minha resposta. Dei as costas, fraquejando sobre minhas pernas e dúvidas.

— Irei passar um café para você, Srta. Mônica. — Caminhei até a cozinha, ciente que seus olhos perspicazes me seguiam com a intenção de analisar meus gestos. Parei contra o balcão americano da cozinha e liguei a cafeteira, deixando a água começar a borbulhar. Ouvi o seu respirar profundo, indicando sua impaciência, e um sorriso traiu o meu próprio rosto.

— Pequei, padre. — Sua voz firme ecoou pela sala comprida e apoiei as mãos no balcão,

tentando silenciá-la mentalmente. Abaixei a cabeça e respirei fundo, tenso. — Pequei por negar assistência a quem precisava, e não digo assistência médica, digo assistência pessoal, familiar. Neguei ajudar meus pais em suas crises, neguei auxiliar meu irmão, e ao invés de ir para a minha família, depois de partir da Nigéria, estou aqui.

Franzi o cenho, sem esperar sua confissão seguir por esse caminho.

— É tão grande o meu pecado por ser egoísta ao ponto de deixá-los se resolverem sozinhos? — Ela insistiu e neguei, ainda cabisbaixo.

— Talvez o pior não seja o pecado, mas o sentimento de culpa, Srta. Mônica. Não é tão grande o seu pecado, se puder se arrepender. — Expliquei, virando a cabeça na sua direção. Ela sorriu devagar, se recostando novamente no sofá, e a cafeteira apitou. Servi uma xícara, me perguntando se ela aprofundaria a confissão sobre sua família ou se sua confissão estaria encerrada.

O diabo estava me tentando, e eu estava lutando.

Sentei-me na poltrona à sua frente e ofereci sua xícara. Ela a pegou, aquecendo as mãos ao redor, e levantou a cabeça, me observando de forma atenta.

— E desejar um Servo do Senhor, também é um grande pecado, padre? — Sua pergunta me pegou desprevenido e a encarei sem reação alguma. Bati os dedos sobre as minhas coxas, tentando me afastar das suas palavras, e olhei ao redor. Uma risada sem graça escapou antes que eu conseguisse controlar por encontrar uma mulher tão direta.

Nunca, na minha antes e durante o celibato, eu havia encontrado algo tão direto. Esse seria o meu castigo? Olhei ao redor, sem esconder a vergonha, e tossi em seco.

— Devo entender com o seu silêncio que é um pecado sem perdão? — Ela riu, e continuei a encarar a porta fechada da minha cabana, desejando que algo interrompesse esse momento.

— Srta. Mônica — Tossi, colocando a mão sobre a boca, empurrando minha vergonha garganta abaixo. A encarei, notando o quanto ela estava se divertindo com o meu embaraçamento.— Luxúria é um dos sete pecados descritos pelo nosso Senhor. É o apego e o intenso desjo pelo corpo e prazeres carnais.

— Algo grave então. — Ela sorriu, arqueando as sobrancelhas escuras contra a testa clara, aumentando ainda mais a dimensão dos seus olhos verdes, tão diretos que me deixou desconcertado.— Mas devo entender que por isso, quase todos os seres humanos irão para o inferno?

— Todo pecado pode ter perdão. — A interrompi — Quando o pecador se arrepende

profundamente.

— Compreendo. — Ela murmurou, estreitando os olhos.— Se todos os pecados podem ter perdão, os pecados carnais também, padre. Com um devoto como você, Deus não seria ainda mais piedoso, se você pecasse por uma tentação?

Franzi o cenho, tentando entender por qual caminho ela estava tentando seguir, e me inclinei para frente, enterrando as mãos nos meus cabelos.

— Srta. Mônica. Deus não distingue os seus filhos, todos podem ser perdoados igualmente.

— E se cometêssemos apenas um pecado, a Luxúria? — Ela completou, atropelando as minhas palavras, e se inclinou para frente, cruzando as pernas para o outro lado. Meus olhos seguiram seu movimento e balancei a cabeça, me acordando do transe repentino. Desviei os olhos, tentando entender o que estava acontecendo comigo. Abaixei a cabeça, fitando minhas pantufas.

— Como disse antes, Deus perdoa todos os pecados e em qualquer quantidade, desde que o pecador se arrependa de verdade. — Murmurei, escondendo o meu embaraçamento com a cabeça abaixada os olhos fixos no chão, desejando ter novamente uma xícara de café para ocultar o meu constrangimento.

— E se eu confessasse um pecado que ainda não cometi? — Levantei a cabeça surpreso, encarando-a atônico.

— E que pecado seria esse? — A pergunta fugiu dos meus lábios no susto e ela riu, deixando os lisos fios de cabelo negro cair contra o rosto, arrastando-os contra a orelha.

— O pecado carnal, padre. — Ela se inclinou ainda mais, deixando as palavras baterem em seus lábios, tocando o meu mais íntimo, acorrentando e chicoteando minhas dúvidas.

Enterrei os dedos nos cabelos, abaixando a cabeça e ignorando-a.

— Conte-me sobre sua família, Srta Mônica. — A cortei, tentando me manter estável. Meu corpo estava começando a se lembrar da sensação do toque feminino.

— Você foge dos seus pecados. — Ela murmurou determinada e franzi a testa, implorando para o meu mais íntimo se manter em pé. — Minha família é italiana, padre. Aos meus quinze anos, saí de casa, estudando fora. Meus pais, pessoas acomodadas em um casamento infeliz, me ligaram há alguns dias atrás. Estavam enfrentando uma crise no relacionamento. — Ela pausou e ergui apenas os olhos, temendo encontrá-la mais perto da minha mente. — Eu não respondi minha mãe. Eles queriam enfrentar essa crise, e eu não concordei. Não sou crente, padre, por

isso, apoio o divórcio em qualquer ocasião, principalmente quando há uma traição.

— Apoio aos pais é essencial, Srta. Mônica. Talvez, quando você for mãe, irá querer essa mesma atenção. — A aconselhei. Ela virou o rosto, jogando os cabelos contra a claridade do fogo da lareira, que aos poucos diminuía, mas apenas percebi nesse instante. Mesmo o frio parecia distante para mim.

— Eu entendo. — Ela murmurou, ainda fitando o fogo. Deixei o assunto morrer, também me perdendo nos meus pensamentos. Fitei o fogo, me lembrando da cor avermelhada do vestido. *"Me toque, padre Armando. Sinta o quanto o meu corpo deseja você. Não o quero apenas carnal, quero sua mente, quero sua alma junto com a minha. Seria tão errado assim o amor? Deus não nos ensinou a amar uns aos outros, por que impedir que padres, Servos devotos, não amassem dessa forma também? Sua pergunta havia me pego tão desprevenido que sentado ao seu lado no banco da Igreja, não consegui impedir a devota de agarrar minhas mãos e levá-las até o seu coração, deslizando-as sobre o seus seios. Ela apertou minhas mãos contra eles, e meu corpo reagiu. Reagiu depois de tanto tempo adormecido. Eu estava me deixando levar, e pequei no momento que desejei ver seus seios ao senti-los embaixo da minha palma. Mas me afastei a tempo, e recuando sobre o banco, eu a neguei."* O toque poderia ser um pecado? Para mim, era um dos maiores pesos sobre as dúvidas, mas o maior veio depois, veio com a ligação. Eu havia dado esperanças com as confissões, com o anseio em tocá-la, e ao recuar, destruí o que havia construído com devoção e fé.

— Está tão perdido em seus próprios pensamentos e dúvidas, padre. — Ela me acordou de volta e levantei a cabeça, um pouco perdido, tentando me situar. Quanto tempo havia passado? Neguei, tentando esquecer as lembranças, e ela se inclinou novamente para frente. Seus olhos perspicazes procuraram algo em mim.

— As dúvidas estão traindo você, não estão? — Ela tentou adivinhar e passei uma mão no rosto, me sentindo um pouco sufocado.

— Todos possuem dúvidas, Srta. Mônica. — Desviei o assunto. — Todos são profundos para terem dúvidas ainda mais profundas, afinal — Respirei fundo, cansado. — Também sou de carne e osso.

— Sabe qual é a minha maior dúvida neste momento, padre Armando?— A sua voz soou pessoal ao pronunciar o meu nome, e atraiu os meus olhos. Engoli em seco, buscando fé e persistência na luta interna.

Desviei o olhar, fitando toda a cabana, desde o teto até o chão, procurando encerrar o assunto, afastá-lo tanto que se tornasse frio.

— Você não quer saber, padre? — Ela insistiu e eu a encarei sério, tentando me manter um pouco bravo.

— Há dúvidas que devem ser mantidas em segredo, Srta. Mônica. Há dúvidas que serão respondidas no próprio silêncio. — Tentei ser categórico e ela sorriu. Uma malícia que me pegou ainda mais de surpresa. Seus olhos contaram a verdade das suas perguntas, ela me queria. Uma verdade que eu já sabia, mas que assim como permanecia cego sobre o pecado que desejei, também tentei ter cegueira.

Levantei-me, quebrando o clima que ela tentou manter, e dei as costas. Precisava de um café forte, uma distância e silêncio. Caminhei até a cozinha, me concentrando em ir até a cafeteira, o que começou a se tornar difícil.

Ouvi o barulho da almofada da poltrona e ela se levantou. Olhei pelo canto do olho, tentando disfarçar, como se o fato de olhá-la a motivasse.

— Padre. — Ela me chamou com a voz tão direta e determinada que parecia me ordenar, ao invés de chamar, parada em pé no meio da sala.

— Estou precisando de um café, Srta. Mônica. — Tentei manter o meu silêncio, sofrendo para lutar com as dúvidas que transbordavam dentro de mim, as fraquezas mundanas que me sujavam.

— A minha maior dúvida é se você irá pecar comigo.



Capítulo IV

A queda

Mas eu digo: Qualquer que olhar para uma mulher e desejá-la, já cometeu adultério com ela no seu coração.

Mateus 5:28

Dizendo-se sábios, tornaram-se loucos e trocaram a glória do Deus imortal por imagens feitas segundo a semelhança do homem mortal.

Romanos 1:22-27

Entre vocês não deve haver nem sequer menção de imoralidade sexual como também de nenhuma espécie de impureza e de cobiça; pois essas coisas não são próprias para os santos.

Efésios 5:3

Nem tudo o que reluz é ouro, e muitas vezes, o pecado é cometido pela própria Igreja. Nem tudo que é religioso é puro. Precisou de um papa nos últimos séculos para pedir perdão pelos pecados cometidos há séculos atrás, desde roubos, fogueiras para queimar inocentes, os mandamentos das cruzadas para a terra santa, que nada mais seria do que uma forma de enviar mendigos e crianças que estavam abarrotando a Europa, até abusos infantis e quebra do celibato.

Por que então eu seria o pior pecador, quando no cerne da estrutura, não houve um real arrependimento sentido por todos?

A própria Bíblia antiga, uma junção dos evangelhos de Lucas, Marcos, Mateus e João, foi decidida por um homem de poder, o Imperador Constantino, ordenando destruir as partes menos pueris, como os evangelhos de Filipe, Pedro, Tomé e Madalena, que tornavam Jesus mais próximo do homem carnal. Estariam eles errados? Se todos poderiam estar certos, eu, no meu pecado, também não estaria sendo apenas um humano, homem carnal com falhas? Seria eu algum dia perdoado?

Minhas dúvidas nunca estiveram tão cravadas dentro da minha mente fraca, da minha fé abalada, e parado contra o balcão da cozinha, fitei o negrume do café, tão escuro quanto os cabelos daquela mulher devota de meses atrás. O Diabo estava pregando uma peça em mim, uma divina comédia, um espetáculo do coliseu, em que feras de cabelos escuros me atacavam, e eu caído, perdia minha luta. Não havia armaduras, porque a minha antiga armadura, a fé, estava sendo arrastada por correntes.

E parado, escutando a respiração acelerada da mulher parada no meio da sala, aguardando-me para sanar sua dúvida pecaminosa, eu me recordei da noite que me arrastou para o meu retiro. O silêncio enclausurado pela neve de antes não foi o suficiente para silenciar as lembranças, que foram trazidas por essa mulher desconhecida, com nome de santa e olhos traiçoeiros.

— Padre. — Ela havia me chamado, parada na grande porta da Igreja, já vazia. Levantei a cabeça, fitando a mulher de cabelos volumosos, cachos negros presos no alto da cabeça e um vestido vermelho, com um enorme decote para atiçar meus olhos com seus seios fartos. Guardei o cálice sagrado, e contra o altar, a encarei, esperando alguma fala dela, mas seus olhos verdes apenas me contavam que havia algo mais do que apenas uma confissão. — Preciso me confessar, padre Armando. Preciso de alívio para a minha alma.

Diante da malícia, caí sobre meus joelhos. Eu contornei a mesa, estendendo os braços para a devota, e de batina, desci os degraus do altar, caminhando entre os bancos já vazios, que assim como os castiçais da Igreja, também assistiam silenciosos o meu pecado mental.

— Cecília. — Estendi os braços na direção da devota aflita, e fechei as mãos sobre as suas, parado diante da sua aflição. A devota Cecília levantou a cabeça, e com os olhos avermelhados, chorou baixo. Eu encostei a mão, de forma inocente em seus ombros, e a conduzi para um dos bancos da Igreja. Não conseguiria levá-la para o confessionário nesse estado, e diante da aproximação, eu não percebi a falsa esperança que acalentava.

A devota sentou ao meu lado, com as mãos dentro das minhas, e seus olhos fixos no meu

colarinho, subiram até o meu rosto.

— O que a aflige, Cecília? — Perguntei cego de devoção para servir. Ela maneou a cabeça, negando em silêncio e inclinada para frente, se desmanchou em lágrimas. Eu a puxei, deixando sua cabeça repousar no meu ombro.

— Não há como levar adiante. — Ela havia sussurrado, e eu, sem entender, franzi o cenho, afastando-a o suficiente para encarar seus olhos medrosos, que contavam a verdade que eu me negava a ver. — Eu precisava vir confessar à você, não como devota, mas como mulher.

E pelos caminhos tortuosos das suas palavras, compreendi que a mulher era o ser carnal.

— Cecília, não há nada o que confessar, minha querida. — Precisei afastá-la, e ela, com os lábios curvados para cima, em lágrimas, arrastou o corpo para o perto do meu. Surpreendi-me na surpresa já descoberta antes, e não me afastei.

— Venho todas as noites, padre Armando, para confessar. Há algo mais nisso do que apenas uma confissão religiosa. — Ela insistiu, como se eu precisasse de uma confirmação.

— Para mim, é uma confissão, Cecília.

— Mas para mim, é carnal, padre. Meu marido está enxergando o que apenas você não vê. Há algo mais entre nós do que apenas uma fé. É carnal, é espiritual e é paixão. Não quero apenas você de forma carnal, quero sua mente e sua alma. Estou tentando-me manter pura, padre, mas todas as noites, Satanás me arrasta para essa Igreja e durante a confissão, cometo o pecado do adultério mental. Eu o imagino — Ela sussurrou.— Nu, sem a batina, comigo na cama.

— Sra. Cecília. — Tentei-me esquivar, afastando-me um pouco, mas ela avançou, agarrando minhas mãos.

— Já está quase consumado, padre. Há já um pecado, por que não ir com ele até o fim? Meu casamento está fadado ao fracasso, eu o quero mais do que jamais quis meu marido. Vejo em seus olhos — Ela disse desesperada. — Você também quer provar novamente da carne. Somos humanos. Você permite que eu venha há meses, que eu conte meu íntimo para você, não mais no confessionário. Quantas noites passamos com almas juntas? Meu marido percebeu, padre, e hoje pediu o nosso divórcio. Eu o quero, assim como peço que desista da Igreja, que desista do celibato.

Senti-me fracassado como Servo do Senhor, me senti fracassado na minha devoção de ajudar fiéis, e perante seus olhos pedintes, eu fraquejei. Não consegui responder de imediato, abrindo uma brecha para mais esperanças.

— Você está confundindo a minha obrigação como padre, Sra. Cecília. — Tentei-me distanciar, mas ela levou minhas mãos até o busco e as espalmou contra o coração.

— Diga, Armando. — Sua chamada com meu nome me fez arquear as sobrancelhas, envergonhado pelo desejo que nascia no meu íntimo pecador. — Diga que não sente meu coração, que não o deseja. Somos dois pecadores, dois fiéis fracassados. Abrace o que Deus está nos permitindo, porque apenas ele poderia nos juntar.

— Não. — Neguei, mas não tirei as mãos do seu busto, e devagar, ela as deslizou pelas curvas dos seus seios, apertando meus dedos contra eles, apalpando-os. Senti a carne macia, o desejo de lamber seus mamilos e fechei os olhos. — Isso é obra do próprio diabo.

— Então já iremos para o inferno, padre Armando. Não há volta.

Apertei seus seios, desejando-o e abaixei a cabeça, pecando sobre o que poderíamos fazer. Mas lutei e consegui afastá-las do seu corpo, me distanciando e virando o rosto para o lado oposto, tamanha a vergonha que senti de mim mesmo.

— Estamos errados, Cecília. Eu a instruí mal, eu fui errado em meu trabalho, e você compreendeu erroneamente tudo o que conversávamos. Não há nós, não há pecado. — Mas eu sabia que havia. — Nós não podemos, e a partir de hoje, peço que não peça para que eu a escute no confessionário. Fracassei como padre e como homem. Deixe-me, Cecília. Eu não abrirei mão da minha devoção e do meu celibato, volte para o seu marido e reconstitua seu casamento.

— Você está negando algo se tornou visível? Você é um falso cego.— Ela me acusou e ouvi seu choro.

— Ainda há tempo de nos redimir. Peça perdão como eu estou pedindo. Eu pedirei para me trocarem de paróquia, Cecília.

— Eu estou morrendo, padre. A depressão irá me levar. — Ela havia murmurado. — Se eu continuar casada, sem algo como você, irei fracassar.

— Eu fracassei, não torne isso um fracasso ainda maior. — Respondi mais grosso do que gostaria, ainda com o rosto voltado para as sombras, e aos prantos, ela se levantou, chorando baixo.

— Não me verá mais, Armando.

— Assim deverá ser.

Depois de dias sem vê-la, nem a seu marido, troquei de paróquia, e voltei para Pisa. Eu estava enganando a mim mesmo, porque o desejo ainda me atormentava. Eu a queria, não por

amor ou paixão, mas por desejo carnal de homem, que estava adormecido há tantos anos.

E por isso, fracassei em me reerguer dentro da fé, pedindo um afastamento para o retiro."

E agora, diante do desejo novamente, sentia a fraqueza carnal retornar, ainda mais intensa, ainda mais contaminada pelo diabo.

— Não pecarei com você, Srta. Mônica. — A recusei, fitando o negrume do café dentro da xícara.— Sou um padre, mesmo sem minha batina, e não quebrarei meu celibato.

— Você já o quebrou ao pensar em foder comigo, padre. — Sua voz era uma presença na cabana e fechei os olhos, rindo perante sua forma direta e a minha vergonha.

— Não pensei nisso. — Murmurei, e minha mente, levada pelo pecado, fraquejou, imitando sua fala. Imaginei seus cabelos negros contra o meu peito nu, roçando suas pontas enquanto a via descer para o meu pau. Seus lábios se abriram como uma oração e ela o chupou devagar.

Abri os olhos, atiçado pelo diabo, e neguei com a cabeça.

— Agora você imaginou. — Ela brincou com a minha mente, me desgraçando.

— Não.

— Mentir também não é pecado, padre? — Ela me interrompeu e ri no meu nervosismo, fitando minhas mãos tremerem ao pegar a cafeteira. — Estamos arrumando a cama no pecado, por que não nos deitamos de uma vez?

Levei a xícara aos lábios, evitando responder, e ainda evitando contato visual, percebi sua aproximação. Orei, pedindo à Deus forças para ir para o caminho certo, para permanecer no meu exílio carnal. Eu havia pecado mentalmente, mas não havia feito o ato.

— No seu silêncio, padre Armando, comecei a me perguntar sobre o sexo. — Ela exclamou devagar, se aproximando. Apertei o cabo da xícara com força, desejando tê-la também no corpo e na mente.

— Fique distante, Srta. Mônica. Aprecio minha intimidade. — Tentei me afastar dos próprios desejos, começando a sentir o seu perfume, mas ela continuou a desfilar suas pernas pelo canto do meu olho, encurtando nossa distância.

— Jesus, no seu estado carnal, não poderia ter transado? É uma grande dúvida minha, que talvez um bom padre como você, possa responder. Por que seria errado ele ter um envolvimento com Madalena? Ele era humano, desceu carnal, porque não provar? Por que seria errado ele ter casado e tido filhos? — Joguei a cabeça para trás, fechando os olhos, diante da minha própria cruz.

— Srta. Mônica, fique em silêncio, por favor, está começando a blasfemar. — Minha voz arrastada se tornou insuportável para a minha vergonha.

— Eu apenas estou perguntando, padre Armando. E se isso não fosse errado, assim os padres também poderiam transar. Não haveria mais celibato. — Ela chegou onde queria e abri os olhos, afundando nos meus medos de pecar. O que essa mulher queria de mim? Eu sabia, ela queria o mesmo que aquela devota. Ela queria a minha devoção na cama.

— O celibato é para que possamos servir apenas a Deus, Srta. Mônica. — Meu embaraçamento estava engolindo minha voz, e abaixei a cabeça novamente, fitando a bancada. Repousei a xícara nela, desejando poder me afastar.

— E está nesse celibato há quanto tempo, Armando? — Ela arrancou o padre e me deixou desnudo como homem. Arregalei os olhos, perdido no meu embaraçamento.

— A vontade de estar no celibato nasceu comigo, Srta. Mônica. — Tentei de outra forma, compreendendo que ela não desistiria se eu continuasse no silêncio. Pelo canto do olho, percebi que se aproximava ainda mais, e dei um passo para o lado, me mantendo distante. Ela riu, atraindo meus olhos. Seus cabelos foram jogados para trás, como um véu na sua cabeça e suas covinhas se transformaram nas covas da minha luta. Franzi a testa, me perdendo na forma sedutora como se aproximou de forma proposital, com os olhos diretos em mim, a força de uma mulher decidida a arrancar a minha batina, a minha lucidez e me enterrar nas dúvidas e culpas. Ela percebeu o que estava fazendo comigo e começou a se sentir satisfeita, ainda mais motivada, e eu me condenei por ter deixado que fosse vista a fraqueza carnal dos meus olhos.

— Não estou perguntando do estado espiritual, Armando. Sou uma mulher carnal. — Suas pernas a trouxeram para perto, e virei a cabeça para frente, evitando vê-la. Sua presença atrás de mim me envolveu e apoiei os punhos fechados na bancada. Eu queria pecar, eu queria me afundar nas dúvidas e agora o momento de tentação havia voltado. Por que havia nascido tão fraco? Curvei meus ombros para frente, sentindo o peso dos meus pecados não cometidos, dos pecados pensados e desejados desde a devota na Igreja. Ela se tornou tão intensa atrás de mim que suas mãos pousaram na volta dos meus ombros, apertando meus braços. Fitei suas mãos, cabisbaixo, vendo o esmalte vermelho como o fogo do inferno no qual ardia, nas compridas unhas em dedos finos. Seus cabelos roçaram no meu pescoço e seu perfume adocicado me encabulou diante do toque que não consegui recusar. — Estou perguntando há quanto tempo que você não transa, padre Armando. — E deixei que roçasse os lábios no meu ouvido. — Há quanto tempo que não fode uma mulher?

As dúvidas, que antes estavam indo embora, me abraçaram de volta, junto com suas mãos e na minha fraqueza, contei os anos.

— Há dez anos. — Sofri ao balbuciar para mim mesmo, cometendo o erro de contar para ela.

— É muito tempo, Armando. — Ela novamente usou apenas meu nome. — Você precisa de um corpo para noites frias, de mãos que agradem seu tesão, que saciem seu gozo.

— Pare, por favor. — Implorei mais para as minhas dúvidas.

— Pararei quando me der a oportunidade de transar com um padre. — E com todas as forças, me arrastei para o lado, escapando das garras do desejo. Percebi que ela se surpreendeu com a minha força e me afastei, evitando vê-la. Ela me observou curiosa e caminhei perdido para porta do meu quarto, sentindo que a carne traía a mente. Meu pau estava duro dentro da calça, ansiando para se afogar em seu corpo, para aliviar todos os anos.

Fitei a porta do banheiro, desejando acalmar o fogo do inferno que avançava pelo meu corpo, traindo minha fé e devoção. Precisava de um banho, sozinho com a minha mente para poder colocá-la em ordem.

— Fique aqui, por favor. — Não esperei sua resposta e a abandonei na sala, fechando a porta do quarto e trancando-me no banheiro. Liguei a ducha, arrancando as roupas que ardiam no meu pecado e entrei embaixo da água, fitando a ereção levantada, como naquela noite em que apalpei os seios de Cecília. O que meu corpo queria me dizer? Apoiei os cotovelos na parede branca e abaixei a cabeça, deixando a água quente escorrer pelo meu corpo. Orei, pedindo forças, pedindo que não pecasse, que deixasse o desejo carnal passar.

Que como naquela noite na Igreja, eu conseguisse afastar essa mulher de encantos ainda maiores que os de Cecília.

Perdi-me no tempo embaixo da água, esperando que Mônica adormecesse e desliguei a ducha, secando o corpo com uma toalha e vestindo uma calça jeans. Olhei ao redor, em busca de alguma camisa de mangas compridas, e lembre-me que havia deixado-a em cima da cama ainda na tarde.

De cabelos molhados, com o corpo já gelado e o desejo adormecido, abri a porta do banheiro. A calefação esquentava o quarto na penumbra do abajur amarelado ligado.

E perante os meus olhos, vi a minha queda.

Deitada na minha cama, um anjo de cabelos negros os jogava contra os meus travesseiros. Seu quadril largo e curvilíneo ondulava o meu lençol branco, e com os braços estendidos para os lados, seus olhos pecaminosos analisaram meu peito. Entre suas pernas, a entrada para o paraíso carnal me esperava, assim como seus fartos seios levantados e rijos, na espera da minha boca.

Seus lábios sorriam com a malícia de um desejo e seus olhos diretos me diziam que eu iria pecar com ela.

Eu poderia ser perdoado?



Capítulo V

Anjo Caído

Por isso fiz sair de você um fogo que o consumiu, e reduzi você a cinzas no chão,à vista de todos os que estavam observando.

Ezequiel 28:17-17

Ele é a antiga serpente chamada Diabo ou Satanás, que engana o mundo todo. Ele e os seus anjos foram lançados à terra.

Apocalipse 12:7-9

você será levado, irá ao fundo do abismo!

Isaías 14:12-15

O homem foi feito para pecar.

Por que criar o fruto, se não para comê-lo? A serpente ensinou o caminho para Eva, mas o fruto já estava lá. Não seria tentador provar do proibido? A serpente não abriu sua boca e a fez mastigar, apenas indicou o fruto, não seriam assim nossos pecados carnais também? Seríamos expulsos do paraíso diante da fraqueza e tentação criadas perante nós? Se não devemos, por que existem?

Mas eu sabia que o meu julgamento não seria esse apenas, seria mental.

E do Paraíso descrito, meus olhos apenas conseguiram vislumbrar o paraíso carnal, rosado no meio das pernas brancas da mulher, uma trilha entre dois lados arredondados e lisos. Fraquejei perante minhas certezas, e levei as mãos contra os meus cabelos molhados, dando as

costas para o corpo nu na cama, de frente para a porta do banheiro, e abaixei a cabeça, recostando os antebraços na porta do guarda-roupa de madeira escura ao lado da porta.

— Se vista, Srta. Mônica. — Implorei a mim mesmo que não caísse em tentação para olhá-la. Fechei os olhos.

— Chame-me de Mônica, padre Armando. — Era a tentação ressoando no silêncio do quarto, na voz decidida e forte da mulher. E essa mesma tentação me lembrou de que talvez o meu maior pecado não fosse esse, mas o meu trabalho mal feito, levado para o caminho carnal com Cecília. E no meu maior momento de fraqueza, ansiando para espiar sobre o ombro para o corpo de anjo na cama, esperando para pecar comigo, eu me lembrei das palavras ditas na última ligação. "*Eu estou decidida, Armando. Quando você partiu, minha fé partiu com você. — Ela havia sussurrado no telefone, no momento em que atendi sua ligação. Sua voz arrastada, amargurada e sem vida havia me feito sentar, e em silêncio, continuei a ouvi-la. — Talvez nos encontraremos no inferno, ou se houver perdão para pensamentos impuros, poderemos estar no Céu. Você me fez ver o quanto sou pecadora e infeliz, e ao se afastar, perdi minha luz. Não se preocupe, se houve pecado, eu o cometi, enquanto você permaneceu com pensamentos puros. Eu vi a malícia e acreditei que você também tivesse visto, mas ao que percebo, fui a única. Mesmo se eu estiver errada, ainda sim não se culpe, você se manteve em sua devoção e celibato, e eu darei um fim aos meus pensamentos impuros. — E antes que ela conseguisse completar tudo o que poderia ter dito para mim, sua ligação foi cortada, como se alguém tivesse desligado seu celular. Eu deveria ter dito algo? Eu havia me afastado de Cecília, mas o pecado havia me perseguido, e mesmo nas noites mais curtas, se tornavam longas ao lembrar do desejo carnal. Depois da ligação incompreensível, eu pedi meu afastamento, me ocultando do diabo e sua tentação na neve da Suíça, desejando que Cecília se reencontra-se e me esquecesse. Eu estava orando por ela, desejando que sua tristeza passasse e ela não cumprisse o que disse na amargura da depressão. Alguns dias já haviam se passado, e não tive nenhuma notícia, acalmando minhas dúvidas."*

Até a tentação bater na minha porta novamente. E no momento, de costas para o corpo nu e deliciosamente pecaminoso, não sabia se minhas certezas seriam mais fortes que minhas dúvidas. Não sabia se a carne falaria mais alto do que a minha alma. Somos de carne e osso, não somos santos e somos suscetíveis para pecar. Talvez seja por isso que exista o arrependimento e o perdão, para que possam ser usados quando pecamos.

Se já estava afundado na culpa por pensar que arruinei a vida de uma devota, arruinado por pensar no pecado que havia desejado, por que não cometê-lo de uma vez, consumando-me pela culpa final?

Os pensamentos impuros estavam cercando minhas certezas de que estava no caminho certo, de que ainda era puro, e senti meu corpo fraquejar. Meu pau, tão carnal e humano, estava duro novamente, injetando ideias tentadoras demais para serem afastadas.

Eu morreria com a minha culpa, mas talvez a partir desse ponto, não haveria mais volta.

O sexo seria um pecado? Seria. Eu estaria pecando gravemente? Perante minha devoção e celibato, eu poderia arder no fogo do inferno. Franzi o cenho, lutando contra as minhas fraquezas mundanas, aproveitando o silêncio do quarto. Cerrei os punhos e dos meus lábios, sussurrei.

— Pai, perdoe-me se pecar. Perdoe-me as noites em pecado, as noites em que errei no caminho, ao invés de ajudar em uma confissão, eu a entreguei a tentação. Perdoe-me.— Orei baixo e fraquejei, deixando uma lágrima escorrer pelo meu rosto. Tantos anos sob a batina, orando de joelhos, me sentindo puro e certo. O que eu seria se caísse?

— Não peça perdão por algo que ainda não fez, padre Armando. Talvez você goste e queira mais. Peça perdão depois, chore depois.— Sua voz tão forte me fez apertar os olhos, e neguei.

— Se vista, Srta Mônica.— Implorei no auge das minhas fraquezas.— Se vista, por favor. Não me corrompa mais do que estou, não destrua minha fé e devoção.

— Pecar não irá destruir sua fé, Armando.— Sua afirmação arregalou meus olhos, e levantei a cabeça, atento ao som de fundo da sua voz, um roçar de pernas na cama.— Sua fé pode ser destruída apenas por suas dúvidas, e se você está em um retiro, afastado e não conseguindo resistir à tentação. — Suas mãos me tocaram e dei um pulo surpreso, virando a cabeça sobre o ombro, franzindo a testa. O diabo arrastou meus olhos para o seu pescoço, o colo esperando para a minha boca e os fartos seios como uma santa ceia me esperando. Cerrei os punhos, enfeitiçado pela carne a minha frente e permaneci imóvel, em um luta contra a fraqueza que me arrastava. — Isso significa que sua devoção já foi abalada antes. — Não me esquivei do seu sussurro no meu ouvido e suas mãos deslizaram pelos meus ombros. Senti a carne fraquejar e fechei os olhos, perdido, pois eu sabia que ela estava certa. Eu iria consumar o meu pecado. Seus mamilos rijos roçaram propositalmente nas minhas costas, aumentando a excitação torturante que me cercava de dúvidas e apagava todas as minhas certezas.

— Perdoe-me, Pai. — E fraquejei, criando minha própria queda. Virei-me bruscamente, agarrando seu rosto pelo queixo e a segurei contra o meu. — Por que está fazendo isso comigo, Srta Mônica? — Tentei desvendar a mulher tão direta, mas seus olhos perscrutaram meu rosto com determinação, e ela sorriu, criando as covas em cada maça, agarrando minha sanidade e devoção e atacando-as para o inferno.

— Há respostas que são melhores de serem ouvidas no silêncio, padre. O seu deus nunca o ensinou sobre isso?

— Por quê? — Insisti, franzindo o cenho, e suas unhas começaram a marcar a trilha pecaminosa pelo meu peito. Contaminei-me com seu contato, relembrando a minha carne desse contato tão íntimo que há anos não sentia.

— Porque sexo é apenas sexo. Fé é uma religião. Não precisam ser ligados. — Tentei entendê-la, mas como havia me dito antes, ela era uma mulher da ciência, do corpo e eu um mero padre caído, tentando elevar sua alma já mundana.

— Você será o meu maior pecado. — Admiti o que ela tanto me incitou e ela sorriu ainda mais, satisfeita por arrancar minhas certezas. E no meu íntimo, pedi perdão por me liberar do celibato depois de dez anos. Eu carregaria esse pecado comigo.

Meu corpo carnal esqueceu-se da devoção e durante a minha maior fraqueza, me perdi no verde tão direto dos seus olhos, contrastando com a pele branca e os cabelos negros. Avancei, recordando-me de ser homem, esquecendo-se de ser servo do Senhor. E iniciei minha queda.

Abri os seus lábios com os meus, me entregando às suas mãos e ansiei pela sua língua molhada, buscando-a com pressa, me sentindo culpado, mas necessitando ir além.

Suas mãos arranharam minhas costas, uma ardência que relembrou o meu pau do gozo. Gemi contra os seus lábios e segurando seu rosto com a mão, a empurrei. Mônica sorriu ainda mais maliciosa, percebendo o quanto começava a me perder no prazer.

E segurando sua cabeça levantada, dei à minha boca o que desejava, seu busto branco. Chupei sua pele, devorando-a com devoção. O cheiro feminino invadiu minhas narinas e arfei. Como havia ficado dez anos sem esse prazer? Marquei sua pele com a minha fome, descendo para a farta ceia que me esperava com seus seios levantados. Agarrei sua cintura e desejei que nem Deus nem o diabo vissem-me nesse momento, porque eu iria me entregar.

Mônica jogou os cabelos para trás, roçando contra suas costas nuas, e me inclinei para baixo. Seus mamilos rijos me ordenavam para chupá-los, matando todos os anos sem colocá-los na boca e os abocanhei, sofrendo pelo prazer que estava sentindo. Meu pau regozijava-se e deslizei a língua pelo seu mamilo intumescido, tão engrossado e rosado de tesão que me obrigou a levantar os olhos, pecando mais uma vez, com o desejo de Luxúria para ver que Mônica, a mulher tão forte e carnal, estava sentindo prazer comigo.

Como eu transava há dez anos? Apenas sei que sexo é como andar de bicicleta, eu poderia passar mais de uma década sem me entregar para os braços de uma mulher, mas ao me entregar, eu saberia o que fazer como um animal.

E com Mônica, me tornei fera por todos os anos no celibato.

Ela gemeu, entregue a minha boca, e eu chupei seu mamilo com vontade, com os olhos tão cravados nela que poderia ver o quanto ela ansiava por isso. Deslizei a língua pelo meio dos seios, um ninho quente e perfumado, e abocanhei seu outro mamilo. Minhas mãos sabiam o caminho do corpo de uma mulher, e as desci para sua bunda arredondada, apertando-a com força, cravando meus dedos na carne macia. Suas mãos agarraram meus cabelos, empurrando meu rosto ainda mais contra o seu seio, e mamei com a sede dos anos sem sexo. Ela gemeu de dor com a força e a necessidade de continuar, e a empurrei para trás, induzindo-a a ir para a cama. Mônica abaixou a cabeça, fitando-me tão atenta e orgulhosa que cedeu as pernas, dando passos para trás. Levantei a cabeça, largando sua bunda e agarrando seus seios com as mãos. Brinquei com seus mamilos, deslizando meus polegares em círculos, enfeitiçado com a beleza de um anjo deles, tão rijos e deliciosos. Eu poderia passar dez anos chupando-os para compensar. Ela sentou na cama, escapando das minhas mãos, e abaixei a cabeça, vendo-a se inclinar para baixo, abrindo as pernas na beirada da cama.

E como um devoto do prazer, ajoelhei-me como fazia na Igreja. Ajoelhei-me no meio das suas pernas, e seu paraíso carnal abriu-se para mim, uma entrada umedecida, com um perfume feminino que traria inveja até a própria serpente. E desse perfume, mesmo nesses dez anos, nunca me esqueci.

Ela sorriu, entendendo o quanto eu estava levado pela adoração pelo seu corpo, e enterrei meus dedos dentro das suas coxas, abrindo bruscamente suas pernas.

— Chupe-me, padre. — Seus olhos tão diretos me ordenaram e ela se inclinou para frente, sentada. Neguei, neguei tanto para mim mesmo, neguei com persistência, mas meus olhos ansiavam para aproximar meu rosto, e fugindo com minha vergonha, enterrei o rosto no meio das suas pernas. Ela gemeu alto e a penetrei com a língua, reaprendendo a saciar o prazer da mulher. Seu clitóris extremamente molhado inchou contra a minha língua e senti o gosto do seu gozo na minha boca. Gemi, ansiando por mais, e me tornei agressivo. Já estava pecando, não haveria motivos para parar ou agir com razão mais.

Chupei com desejo, arrancando gemidos seus e suas mãos empurraram minha cabeça ainda mais contra o meio das suas pernas. Mordiquei um dos seus lábios, puxando-o para mim, tão liso e delicioso, e vaguei novamente com a língua no seu paraíso molhado, tentando penetrá-la no pequeno espaço apertado, voltando a tocar seu clitóris com a língua, em círculos pecaminosos e contínuos.

— Oh, padre Armando. — Ela gemeu, enterrando as unhas no meu couro cabelo, e afastei a boca já lambuzada com a sua lubrificação, beijando o interior das suas coxas com ferocidade,

marcando-a em vermelho. Seu perfume impregnou nos meus lábios, e trilhei suas coxas com mordidas, fazendo-a se deitar na cama. Levante-me, fitando seus seios tão erguidos, seus olhos me aguardando, e abri a calça jeans, deslizando o zíper. Ela mordeu o lábio inferior, balançando a cabeça em negação, e franzi a testa, imóvel.

Mônica se sentou, agarrando o botão da calça das minhas mãos e a abaixou, deixando-me apenas de cueca. Respirei fundo, sentindo a cruz pesar nas minhas costas, mas eu era um animal, tão carnal e impuro, que apenas queria sexo e força, como eu fora antes do celibato.

Ela abaixou minha cueca, e meu pau clamou por ela, se jogando para cima tão duro que me torturou. Arfei, gemendo baixo e Mônica roçou a ponta do dedo indicador na cabeça molhada do meu pau, já engrossado com as veias saltadas, lambuzado com a necessidade de mergulhar no corpo dela.

Ela o analisou detalhadamente com o dedo, roçando-o pela glande, e agarrei meus cabelos, tão agoniado.

— Chupe-me. — Implorei com a voz tão fraca quanto qualquer luta que eu tinha. — Acabe com isso, acabe com a minha espera e necessidade.

— Foram dez anos, Armando. — Ela relembrou e sua mão agarrou a base, tocando-o devagar, tornando-me enlouquecido, um homem tão carnal que desejei jogá-la contra os travesseiros e possuí-la de todas as maneiras que eu sabia ou imaginava. Abaixei a cabeça, fitando seu olhar tão intenso no meu pau. — O quanto você precisa se acalmar com o meu corpo. — A confissão sobre mim feita por ela foi um sussurro e assenti devagar com sôfrego. — Mate esses dez anos em apenas uma foda, uma boa e forte foda. — Ela me atiçou e avançou com vontade contra o meu pau, abocanhando-o quase por completo.

E todo o resquício de lucidez ou fé que me mantinha calmo foi levado para as sombras, longe de mim. Gritei em gozo, deixando o prazer mergulhar meu corpo e me apontando o quanto eu tinha esquecido da sensação de ser chupado. Sua boca o chupou com maestria, deslizando a língua enquanto subia por ele todo, agarrando com os lábios minha glande e empurrando o prepúcio junto com a boca, revelando minha glande lustrosa e exigente. Meu pau estremeceu dentro da sua boca e orei para não me perder ainda mais.

Mas ela pressionou a língua, circulando-o com ela, e gemi ainda mais alto, abaixando as mãos e empurrando sua cabeça contra ele, com o arrepio arrebatador pelo corpo inteiro.

— Perdoe-me. — Gemi, jogando a cabeça para cima, e entendi o que iria acontecer.

O meu corpo se tornou meu inferno.

Agarrei seus cabelos, na ânsia de dar um fim ao grande desejo acumulado de todo esse

tempo e a levantei com veemência. Mônica arregalou os olhos, surpresa com a minha iniciativa, e agarrei seu pescoço, fitando-a nos olhos. Neguei uma vez com a cabeça, mas na tentativa da segunda, eu a joguei na cama, ouvindo-a gemer e sua risada maliciosa invadiu o quarto.

— Use a força, padre. Mostre o que sabe. — Ela riu devassa, acordando a devassidão de homem no meu corpo. Assenti, rosnando como um animal no cio, e agarrei seu quadril, virando-a com força para cima. Puxei sua bunda, deixando-a tão empinada quanto conseguiria, e sua bunda arredondada me chamou para um tapa. Levantei a mão, estapeando-a com força, uma punição do pecado que me fez cometer. A marca da minha mão se tornou vermelha na sua bunda, atiçando meu tesão, e agarrei meu pau com uma mão, tocando-o com pressa.

Empurrei suas costas para baixo, deixando seus seios tocarem a cama, e deslizei a mão pelas suas costas, subindo para a sua lombar e apertando sua bunda. Deslizei os dedos pelo meio dela, desejando-a inteira, e toquei na sua intimidade umedecida de gozo. Abri seus lábios com os dedos e toquei seu clitóris, tocando meu pau.

— O que você fez comigo? — A pergunta baixa foi retórica e o limite que quebrei para avançar. Colei meu quadril na sua bunda e senti na minha glande o quanto estava molhada, me lambuzando ainda mais. Senti seus lábios se abrirem ao redor da minha glande e seu paraíso quente e apertado, tão apertado, se abriu para mim. Gemi como um louco e me enterrei, penetrando-a com força, perdendo toda a luta, força e devoção.

Eu queria me devotar ao seu corpo, a fodê-la, e decidi fazer isso com força.

Enterrei meu pau até o talo, me acabando ao redescobrir a sensação de estar dentro de uma mulher depois de tanto tempo. Eu não lembrava o quanto era prazeroso e enlouquecedor. Seu gemido alto se juntou ao meu, e estremeci por inteiro, sentindo-a tão molhada e apertada ao redor do meu pau que a cada respirada, ele se apertava mais com a sua contração. Ela empinou ainda mais a bunda, apertando-me.

— Mônica. — Gemi seu nome, agarrando sua bunda com as mãos e metendo-me com mais força dentro dela. — Mônica. — Gritei seu nome com prazer e a penetrei novamente com força, me enterrando inteiro. Ela gemeu, sendo possuída por mim com força, e a cada estocada forte, batia minha virilha contra sua bunda, enlouquecido de prazer.

Estoquei com força, gemendo como um animal depravado, empurrando seu corpo para frente, puxando-a de volta contra o meu pau para poder fodê-la com mais força. Levantei a mão, dando um tapa tão forte quanto a minha estocada, e Mônica gemeu, encharcando meu pau com seu prazer. A cama chacoalhou com nós, e a fodi com força, socando meu pau brutalmente dentro dela, abrindo meu espaço e reivindicando.

Eu precisava me liberar, eu precisava liberar todo o tesão acumulado e o desejo carnal que me corroia a cada noite. Eu iria me liberar com a força que queria, e me enterrei cada vez mais, gemendo.

— Oh, Mônica. — Gritei seu nome, jogando a cabeça para trás, e ela se arrastou para longe, deixando a ausência me devastar. Encontrei meu próprio demônio e avancei contra ela na cama, surpreendendo-a. Ela se arrastou e eu engatinhei, agarrando suas pernas e abrindo-as. Ela riu ainda mais devassa, permitindo, e eu me deitei no meio delas, agarrando seus punhos e jogando-os contra os travesseiros. Acomodei-me no meio das suas pernas e me enterrei até o talo, arregaçando-a por completo. Ela gemeu alto, em grito sufocado, envolvendo meu quadril com as pernas, incentivando-me.

— Foda-me, padre. — Ela jogou as palavras contra a minha face, tentando-me, e rosnei enlouquecido, obedecendo. Apertei ainda mais seus punhos, e a fodi, extravasando todo o desejo adormecido. Enterrei o pau seguidas vezes, saindo e entrando, gritando a cada estocada, colando nossas testas, e com uma mão, deslizei pelo seu rosto, agarrando seu seio e saboreando-o com a mão. Arqueei as costas, estocando cada vez mais rápido, me soltando sobre o seu corpo, e suas unhas arranharam todo o meu peito, deixando a marca do nosso pecado.

Enterrei o pau no seu gozo tão molhado que encharcou minha virilha, e mergulhado em seu prazer, gemi, jogando a cabeça para trás. Ela agarrou meu rosto com ambas as mãos, enterrando os dedos nas minhas maças, e puxou a minha cabeça para baixo.

— Olhe para mim, Armando. Olhe para mim e mostre-me o seu gozo. Quero ver a sua expressão de prazer. — Como ela sabia e conseguia me provocar e tentar com as palavras. Abaixei a cabeça, entregando o meu rosto para os seus olhos, e estoquei com força, balançando a cama embaixo de nós, empurrando seu corpo e me enterrando com desejo cada vez maior, sentindo meu corpo inteiro arrepiado.

E esse me abandonou. Mergulhei tão profundamente no prazer como um fiel do sexo e gritei, me liberando. Gozei dentro de Mônica, nos afundando no êxtase. Ela rebolou contra o meu pau sensível, que no gozo, estocava devagar dentro dela. Apoiei os braços na cama, levantando o corpo, e ela cravou as unhas nas minhas coxas, me puxando de volta.

— Faça-me gozar, padre. Seja homem. — Ela rosnou decidida e gemi, enlouquecido, estocando devagar, mergulhando o pau no prazer entre nossos corpos. Seu corpo se arrepiou contra o meu e me curvei para baixo, mordendo e chupando seu pescoço, possuindo-a com o meu pau e a minha boca. Ela gemeu, apertando meu pau já sensível e arfei, sem aguentar. Mônica gozou, agarrando meu corpo em um abraço apertado, apertando meu pau. Perdi as forças, caindo sobre seu corpo, e colei o rosto ao dela, fitando seus olhos tão atentos. Deitei ao

seu lado, puxando-a, tentando não pensar no que havíamos cometido, mas Mônica se virou de lado, com nosso prazer entre as pernas, cintilante.

Ela deslizou os olhos pelo meu corpo e voltou a me fitar, ofegante. Resfoleguei, também com a respiração entrecortada. Senti a dúvida me afogar em torturas profundas, mas eu as espantei, tentando me manter são. Já havia cometido o pecado, restava-me apenas deitar com ela e adormecer, abraçá-la e finalizar o que havíamos feito. Ela se deitou ao meu lado, fitando-me e deslizou os dedos pelo meu rosto.

— Ore, padre. Ore pelos nossos pecados. — Ela tocou na minha ferida, e franzi o cenho, agoniado, tentando manter minha respiração normal. Eu não me lembrava do prazer incomparável que era gozar e a sensação relaxante após transar.

— Deixe isso para depois. — Murmurei, buscando não sofrer antecipadamente, e no escuro do quarto, orei em silêncio, odiando-me por ter pecado, mas não odiando o sexo que havia feito. Eu caí, mas me encantei pela queda, seria eu tão diabólico assim? *"Perdoe-me pelos pecados, perdoe Mônica e nosso ato. Perdoe-me, Pai, pois pequei, não sei o que aconteceu com minhas certezas e minhas devoções. Mas estou tão errado assim? Não houve maldade."* Comecei a orar em silêncio, mas a oração foi cortada pelo movimento de Mônica, e ela se afastou bruscamente, se levantando.

— Srta. Mônica. — Comecei a chamá-la. — Mônica. — Mas ela deu as costas, desaparecendo na penumbra do quarto e indo para a sala. Levantei, perdido no pecado e no peso que tentava afastar, e a segui, fitando-a já com a blusa na sala. — Irá embora? — Tentei compreender na cegueira, e Mônica, ainda de costas, vestiu a calça, colocando o grande casaco branco. Ela virou a cabeça sobre o ombro, fitando todo o meu corpo nu.

— Somos tão carnais, padre Armando. — Havia determinação na sua voz, e franzi a testa, tentando entendê-la. Ela se virou de frente, cortando qualquer contato pessoal existente no sexo. — Reze por você, Armando. Reze por todos os pecados cometidos, porque os pecados que eu cometi, não poderão ser perdoá-los.

— Estou tentando entendê-la. — Fracassei em compreender e Mônica deu as costas, fitando a neve cair devagar pela janela. A nevasca havia acabado. Ela caminhou para a porta, deixando-me como um pecador nu na sala.

— É isso, apenas sexo? — Perguntei embaraçado por não compreender. Mônica, na mesma velocidade com que saiu da cama após transar, se virou, me fitando sobre o ombro.

— Sabe o que é engraçado nos nomes, padre Armando? É que muitos são religiosos, enquanto os donos dos nomes não. — Sua voz tão firme e segura me deixou inseguro e

estremeci, franzindo o cenho. — Você conheceu duas mulheres com nomes de santas. Com uma, você arrancou sua fé e a matou. Com a outra, você perdeu sua fé e pecou. Você matou minha mãe quando a deu esperanças, e eu arruinei sua mente, sua devoção e seu celibato. Pergunte ao seu deus as respostas, e encontre-as na sua mente e nos seus pecados, Armando, porque agora você é pecador e carnal.

E assim como chegou, Mônica, a mulher de olhos verdes e cabelos negros, saiu pela neve, desaparecendo. Ela não era uma mulher, ela era o diabo vindo carregar a minha cruz, e notificar-me que o pecado pelo qual me levou para o alto dessa colina, não poderia ser esquecido.

Ele veio com ela, para me fazer pecar. E agora, eu já não poderia voltar atrás. Isso não era obra de Deus, mas do diabo, e eu, um padre pecador, merecia as chibatadas. O que restaria de mim depois dessa noite, seria uma pergunta que me atormentaria.

Eu havia sido tentado meses atrás, eu havia deixado o pecado me sondar, atrair uma devota, e ao fazê-lo mentalmente, eu o atraí até mim. Eu fui a tentação e o fracasso de Cecília, e Mônica foi o meu pecado e o meu diabo.

A tentação me perseguiu, e como um homem carnal, eu sucumbi ao desejo.

Mônica desapareceu, deixando-me com o pecado, levando minha lucidez e meu celibato.

EM BREVE

Livro Celibato

Um padre recém-saído do seminário, com convicções fortes, desejo de servir, devoção e fé, encontrará suas dúvidas em feridas do passado. Feridas que o perseguiram para fazê-lo pecar. O diabo encontrou caminhos para fazê-lo cair, e assim, Mônica, uma mulher decidida e forte, o fez pecar. Atormentado por dúvidas, recordações e pelo próprio pecado, Armando voltará para o celibato e a batina, tentando se elevar novamente.

Mas se o pecado vier tentá-lo novamente, o quanto suas dúvidas, devoção e fé se manterão fortes? O quanto suas certezas poderão salvá-lo? Armando descobrirá que assim como é um servo do Senhor, também é um homem, e a tentação poderá vir de diversas formas.

Uma noite de inverno pode ser curta o suficiente para uma mulher fraquejar as certezas de um padre. E talvez ela queira a sua queda.

